

PRIMEIRO

O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado:
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado:
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

8-12-1928

O brasão real português do século xv adoptado na *Mensagem* tem dois campos: o escudo central ou das *Quinas*, composto por cinco escudetes de azul (alusivos, segundo a tradição, às chagas de Cristo e, segundo Camões, «Em sinal dos cinco Reis vencidos na batalha de Ourique»), postos em cruz, cada um carregado por cinco besantes de prata no escudo integrado provavelmente por D. Sancho I, e o campo exterior ou dos *Castelos*, integrado por D. Afonso III, mas só no século xvi fixado no número final deles. Deve-se a D. João I a integração como *Timbre* (logo acima da *Coroa*) da «serpe alada»¹, expressão heráldica ligada à nacionalidade que Fernando Pessoa adoptou como símbolo de Portugal e na *Mensagem* fez substituir pelo grifo, animal fabuloso com cabeça e asas de águia.

1 «A serpente quer dizer Portugal e a Sabedoria é o símbolo oculto da Inteligência como na história bíblica da tentação se vê.»

SEGUNDO

O DAS QUINAS

Os Deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.
Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Cristo definiu:
Assim o opôs à Natureza
E Filho o ungiu.

8-12-1928